

Diários de Maria Isabel Silveira (1880 – 1965): os sentidos da materialidade

Mariana Diniz Mendes¹

Resumo

Pretende-se abordar os variados aspectos dos diários da memorialista paulistana Maria Isabel Silveira (1880 - 1965), casada com o escritor e político Valdomiro Silveira (1873 - 1941), cujo acervo pessoal foi doado ao Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) em 2006. Em meio aos documentos, atualmente sob a guarda da instituição, destaca-se o conjunto de 62 cadernos que pertenceram a Maria Isabel, entre os quais os volumes que acolheram a sua escrita diarística como registro do cotidiano de sua família, especialmente de seus filhos e, posteriormente, de seu dia a dia. Essa documentação testemunhal inédita constitui um espaço de construção narrativa que mobiliza um diálogo com diversos saberes — gênero, literatura, arquivística e história social, apontando o caráter multidisciplinar da pesquisa de mestrado em andamento: “Diários de Maria Isabel Silveira (1880 - 1965): espaço e tempo de construção da subjetividade”. A presente comunicação promove a discussão sobre a escrita íntima de mulheres, o interesse feminino em relação ao arquivo de si (o cuidado na conservação dos escritos pessoais e suas modalidades de uso), a partir das lentes de Philippe Lejeune, Françoise Simonet-Tenant e de outros estudiosos do diário. Neste trabalho, a ideia de filiação de gênero será explorada desembocando nos problemas privilegiados pela história das mulheres, refletindo sobre as relações entre “artefato” e “gênero”, para recuperar as indagações da historiadora Vânia Carneiro de Carvalho.

Palavras-chave

Diário; memória; narrativas; Maria Isabel Silveira; história das mulheres; escrita feminina.

¹ Mariana Diniz Mendes é mestranda em Literatura Brasileira com bolsa de auxílio à pesquisa (Capes) no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). E-mail: mariana.mendes@usp.br

Em 2006, o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP) recebeu o acervo pessoal de Valdomiro Silveira (1873-1941). Além da advocacia, do jornalismo e da literatura, Valdomiro esteve à frente de cargos políticos – secretário da Educação do Estado de São Paulo, deputado estadual pelo mesmo estado e vice-presidente da Constituinte Paulista. Como escritor, se dedicou a pesquisar o universo caipira. Seus principais livros são: *Os caboclos* (1920), *Nas serras e nas furnas* (1931), *Mixuângos* (1937) e *Leréias* (póstumo).

Em meio aos documentos de Valdomiro Silveira, destaca-se um conjunto de cadernos de Maria Isabel Silveira (1880-1965), casada com o escritor. Neles, ouve-se a voz de uma mulher que tomou para si o projeto de registrar seu dia a dia regularmente, durante anos de sua vida longa. Ao todo 62 diários se misturam ao volumoso material do marido. Dos cadernos, 54 pertenceram a Isabel e percorrem 57 dos 85 anos vividos. Como escritora, Isabel publicou artigos humorísticos na imprensa sob o pseudônimo de “Baronesa de Itororó” e o livro de memórias *Isabel quis Valdomiro*, em 1962, pela editora Francisco Alves, que narra a história de seu casamento e da vida ao lado do marido.

Os diários revelam o gosto de Maria Isabel pela escrita. O registro mais antigo é de 24 de dezembro de 1908 e a última entrada foi produzida em 12 de junho de 1965, apenas dois meses antes de morrer. Na apresentação de seu livro de memórias, Isabel refere-se aos diários: “Esse trabalho, que seria difícil se o quisesse realizar apenas com o auxílio da memória, foi-me facilitado pelos ‘diários’ que escrevi na ocasião em que meus cinco filhos eram pequenos” (SILVEIRA, 1962, p. 8).

Valdomiro e Isabel casam-se em 1905, em São Paulo, viajam para a lua de mel em Santos, onde vivem por 36 anos. O casal e os cinco filhos – Junia (1906), Valdo (1907), Isa (1910), Belkiss (1912) e Miroel (1914) – passam boa parte de suas vidas em sua residência na rua Conselheiro Nébias, 816. A casa recebia escritores e poetas daquele tempo: Monteiro Lobato, Martins Fontes, Vicente de Carvalho, além de políticos, como Rui Barbosa, por exemplo. Em Santos, Isabel iniciará a escrita de seus inúmeros diários.

Não é de repente que Isabel e a escrita diarística se encontram; os cadernos indiciam um significativo percurso até o momento em que eleja o gênero como favorito. Sendo uma das formas memorialísticas da escrita de si, o diário tem como principal

característica a fidelidade ao calendário. As entradas registram o cotidiano. Fragmentado e em permanente construção, a princípio o diário não é destinado a publicação. Cada diarista cria seu método e estilo, sendo comum inserir no corpo do diário elementos variados, como citações, fotos, cartas. A criação de códigos para preservar segredos é recorrente entre diaristas, conforme a explicação de Françoise Simonet-Tenant (2004) sobre o diário como um espaço inviolável. E, quanto mais escreve, mais o diarista desenvolve marcas e características próprias.

Os dez diários mais antigos conservados por Isabel formam um primeiro conjunto, preservando a memória de cada um de seus filhos, portanto “diário dos filhos”. Observando a materialidade, o conjunto revela-se como uma espécie de laboratório para a escrita que se firma depois, nos diários que aparecem em 1924 e 1925. Nos “diários dos filhos” ela descreve as irritabilidades e doenças que sofrem, os tratamentos e remédios, a interação das crianças com os empregados, se estão magras ou gordas e coradas, além das situações cômicas que vivenciam.

Em 1925, quando inaugura os diários sobre si, Isabel obedece um padrão com entradas contando a que horas acordou, descreve o tempo: se está calor, frio, venta (“noroestou”) ou chove, se nadou bem cedo, como de costume, e quem a acompanhou; o retorno para casa é seguido dos arranjos e arrumações para o almoço; descreve suas ações e os passeios à tarde; se tomou chá e com quem e o jantar em família. À noite, é frequente Isabel registrar passeios como idas ao cinema ou saídas para tomar sorvete. As entradas terminam com o registro das últimas sensações e sentimentos do dia, antes de incluir o horário em que se deita para dormir.

A pesquisa da historiadora Vânia Carneiro de Carvalho (2008), *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*, situa o momento de efervescência e de mudanças na vida familiar e urbana da cidade de São Paulo. A economia paulista enriquece com o café, e muitas famílias de fazendeiros mudam-se para a cidade. Criam-se novas práticas de consumo que inauguram um modo de vida burguês. Os diários de Isabel refletem esse contexto em que a crescente urbanização e a industrialização concebem a ideia de modernidade. Um dia com valor positivo e bem vivido para Isabel é um dia com atividades externas, muita ação, encontros e prosa.

O ano de 1925 é marcado por dois eventos importantes para a família Silveira: o casamento de Júnia com Amílcar Mendes Gonçalves, em 22 de junho, e a reforma e mudança para a casa onde a família passa a morar definitivamente até a morte de Valdomiro, em 1941. Durante boa parte do primeiro semestre de 1925, todos os integrantes da família residem provisoriamente no hotel “Parque”, enquanto a casa é reformada, e Isabel claramente é quem coordena os trabalhos.

Nota-se o compromisso de Isabel com a sinceridade e a fidelidade a uma realidade. Ela confirma esse pacto quando diz ter se apoiado nos diários para dar origem ao livro, décadas depois. A base de sua escrita diarística é o enraizamento no cotidiano, e isso implica em ligação com os fatos. O diário registra o *eu* no papel, e aquele que escreve é o primeiro leitor dessa escrita de si. Porém, escrita é discurso, linguagem e representação; se iludirá aquele que não desconfiar da imagem de papel. O estilo regular e constante, inaugurado em 1925, ao qual se mantém fiel 40 anos depois, supõe uma figura única e ausente de ambivalências. Os diários de Isabel não se caracterizam pelo registro de confissões, de relatos de conflitos ou angústias. Nos dias em que registra choro, tristeza e aborrecimentos, por exemplo, há sempre uma mudança brusca de tom em seguida ou o ponto-final:

8) domingo. Estive toda a manhã na frente do hotel tomando ar e conversando com diversos conhecidos.

Valdomiro deixou-me num estado nervoso horrível, passei um dia tão aborrecido (como sempre). Deitei-me um pouco de dia, mas a manha do Paulico não me deixou dormir quase.

Amílcar chegou às 11 horas, almoçando conosco. À tarde também estive na frente vendo o curso e conversando com D. Bertha Schmit e D. Helena Allen. À noite Júnia cantou ao violão no salão, a pedido das famílias Schmit e Madeira. Deitei-me cedo e chorei como uma louca. Valdomiro foi passear com Julieta e quando voltaram já estava dormindo. (Diário 1, 8 de março de 1925).

Exemplos como esse são recorrentes. Por que ela teria chorado? Quais são as contrariedades que acometem a vida de Isabel? Seu estilo de escrita não se caracteriza pelo sentimentalismo, mas pela autodisciplina e controle.

É ingênuo ler os diários de Isabel desejando conhecer suas camadas mais profundas. Seu estilo é marcado por uma autodisciplina em função de recato, decoro e controle. Nota-se discrição ao ocultar emoções intensas. As mudanças bruscas que afastam o leitor dos motivos de suas tristezas e aborrecimentos apontam para a reserva

esperada de uma mulher de sua classe. Quando quer registrar e simultaneamente esconder, Isabel usa um código próprio composto da combinação de números romanos (X, V, VIII) e datas que recebe variações, como “VIII duplo”, por exemplo. Os diários de Isabel apresentam uma cultura que respeita a vida privada nesse conflito de forças entre a medida da transparência e a do grau de exposição.

O vertiginoso crescimento econômico vivido por São Paulo na virada do século XIX para o XX propagava o discurso do progresso no Brasil republicano. As transformações afetavam a vida privada, e nesse contexto encontramos mulheres que excepcionalmente passam a narrar a si próprias, como Maria Isabel: “‘Minha vida não é nada’, diz a maioria das mulheres. Para que falar dela? A não ser para evocar os homens, mais ou menos importantes, que conheceram, acompanharam ou com quem conviveram” (PERROT, 2017, p. 28). Se os diários examinados apresentam uma escrita pouco íntima, por outro lado se revelam muito pessoais e marcam um lugar de construção da memória. Maria Isabel afirma o *eu*, e graças a sua escrita ouvimos sua voz culta em relação consigo mesma. A ela convinha calar emoções, esperanças e sofrimentos uma vez que a exposição seria vista como indelicada e fruto de indiscrição.

A escrita de Maria Isabel Silveira insere a presença, frequentemente apagada, dos relatos das mulheres. O percurso exposto a partir de seus diários mais antigos apresenta, em um primeiro momento, uma escrita motivada pela identidade materna que se desdobra mais tarde e se consolida na escrita de si. Quando os filhos crescem e se tornam independentes, a mãe orgulhosa dá lugar à mulher que volta o olhar para contar sua vida. A escrita íntima de Isabel, se por um lado não é reveladora de intensos desejos, por outro, mostra-se atenta em relação ao recato com que a nova mulher burguesa deveria, a seu ver, tratar a privacidade. Os diários rompem com o silêncio, mas abafam o choro e iluminam as ambiguidades e ambivalências de mulheres presas a imagens e condutas.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Gênero e artefato: o sistema doméstico na perspectiva da cultura material – São Paulo, 1870-1920*. São Paulo: Edusp, 2008.

GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. Tradução: Sérgio Bath. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.364-365.

LACERDA, Lilian de. *Álbum de família: memórias de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. O diário: gênese de uma prática. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas (org.). *Narrar o biográfico*. Tradução: Vanise Dresch. Porto Alegre: Editora Sulina, 2015.

MORAES, Maria da Glória Quartim de. *Reminiscências de uma velha*. Compilado por Yone Quartim. s. l., s. n. [1981]. 219 p.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2017.

SILVEIRA, Maria Isabel. *Isabel quis Valdomiro: memórias*. São Paulo: Francisco Alves, 1962.

SIMONET-TENANT, Françoise. *Le journal intime: genre littéraire et écriture ordinaire*. Paris: Téraèdre, 2004.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Faculdade de Letras da UFMG, 1995.